

Apresentação

Introduction

Alex Aparecido da Costa

Pesquisadores das diversas áreas da História tem se esforçado cada vez mais para se afastar de narrativas eurocêntricas. A História Antiga tem um papel fundamental nesse processo, pois, na memória do Ocidente, persiste a imagem de uma Europa herdeira do passado greco-romano, que teria se estendido ao continente americano desde seu passado colonial.

Dessa forma, o combate ao eurocentrismo no campo da História não tem ocorrido apenas em temas relacionados à América portuguesa e seus desdobramentos. Os historiadores brasileiros do Mundo Antigo têm concentrado grandes esforços em uma verdadeira descolonização da História Antiga.

Tomemos como exemplo os estudos acerca do Império Romano. As narrativas tradicionais sobre o tema possuíam, em geral, três aspectos que se entrelaçavam. Havia narrativas centradas na reacomodação das instituições republicanas, na biografia sucessiva de imperadores e na “romanização” das regiões conquistadas (GUARINELLO, 2014). Todas iam ao encontro do ideário dos Estados-nação europeus com seus impérios coloniais que se perpetuaram até meados do século XX. Influenciada pelos estudos pós-coloniais, a História Antiga rompeu com essas narrativas e passou a interessar-se pelos espaços provinciais, resistências e relações de poder presentes no mundo romano.

Por sua vez, as narrativas sobre a Grécia, em função da valorização da documentação escrita, centravam-se nos aspectos políticos e institucionais de suas cidades-Estados mais conhecidas, Atenas e Esparta. Renovações teóricas e metodológicas, bem como o diálogo com a Arqueologia, permitiram expandir o olhar para as experiências helênicas em outras regiões da Grécia e do Mediterrâneo. Além disso, os estudiosos se voltaram também para as mulheres, para os grupos subalternos e para o cotidiano. Essa postura contribuiu para a descolonização da Grécia Antiga, já que conceitos como o de civilização eram usados para estabelecer vínculos anacrônicos com a modernidade europeia.

Os estudos atuais sobre o Antigo Oriente também fazem parte desse processo, Egito e Mesopotâmia passaram a ser estudados em virtude de suas importâncias específicas e fundamentais durante os longos processos de transformação e integração do Mediterrâneo e suas adjacências. Suas contribuições para a formação greco-romana

foram enfatizadas (BERNAL, 1993) e a ideia de um evolucionismo cuja trajetória ia do Leste para o Oeste foi abandonada, pois o Oriente não desapareceu com o surgimento das cidades-Estados na Grécia e na Península Itálica.

Enfim, seria impossível, em poucas linhas, enumerar todos os esforços dos historiadores da Antiguidade para a construção de uma História Antiga mais plural, menos eurocêntrica e consciente das influências da globalização contemporânea em suas pesquisas (HINGLEY, 2010; WOOLF, 1992). As contribuições interdisciplinares, os estudos culturais, de gênero e das religiosidades apontam para o grande leque de possibilidades nesse sentido. Na verdade, esperamos que os artigos desse dossiê ilustrem o panorama das pesquisas inspiradas nas temáticas que destacamos nessa apresentação.

Referências

- BERNAL, M. *Atenea Negra: las raíces afroasiáticas de la civilización clásica*. Barcelona: Crítica, 1993.
- GUARINELLO, N. L. *História Antiga*. São Paulo: Contexto, 2014.
- HINGLEY, R. *O imperialismo romano: novas perspectivas a partir da Bretanha*. São Paulo: Annablume, 2010.
- WOOLF, G. Imperialism, empire and the integration of the Roman economy. *World Archaeology*, v. 23, n. 3, 1992, p. 283-293.